

Vila Paranoá recusa água do lago

População teme que tratamento não consiga eliminar poluição

A Associação de Moradores da Vila Paranoá inicia segunda-feira mobilização para tentar alterar o projeto de ampliação do abastecimento de água na área, que a Caesb pretende executar a partir da construção de estação de captação e tratamento a ser construída junto à barragem do Paranoá. A entidade desconfia que o tratamento físico-químico-bacteriológico não conseguirá eliminar as impurezas da água do Paranoá e buscará o auxílio da Comissão do Distrito Federal no Senado, por entender que a direção da Caesb não estaria disposta a rever o projeto.

“Nós queremos que a Caesb venha discutir o projeto com a comunidade e explicar como vai ser esse tratamento. Nós não queremos servir de cobaias para experiência de ninguém, a não ser que a Caesb prove que o tratamento resolve e coloque a mesma água para ser consumida pelo pessoal dessas mansões do Lago”, sugere o presidente da Associação, Francisco Hélio da Silva.

Hélio afirmou que os moradores não querem ser vítimas de doenças provocadas pela água do Lago Paranoá e sugeriu que a Caesb utilizasse como manancial do novo sistema uma das duas fontes naturais existentes num raio de seis quilômetros da Vila. “Nós temos a fonte do córrego do Golano e a que fica em um terreno do Banco Credireal, que têm uma água de boa qualidade e poderiam ser aproveitadas para ampliar o abasteci-

mento da vila”, sugeriu.

Ele desconfia também da praticabilidade do novo sistema de abastecimento, por entender que o assentamento definitivo da (incluído no bojo do Plano de Expansão do Plano Piloto) vai inviabilizá-lo completamente. “O que nós queremos é que qualquer solução adotada leve em consideração o assentamento. De que adianta construir agora um sistema que pode se tornar inútil na hora em que o assentamento sair?”, indagou Francisco Hélio.

O dirigente comunitário reclama do que diz ser “a posição desclassificada” em que a Vila Paranoá foi colocada pela Caesb na questão do projeto e insiste em “uma discussão aberta do problema, para que seja adotada a medida que mais agrade à comunidade”. Atualmente, o abastecimento da Vila resume-se a três chafarizes alimentados por uma fonte natural existente na área. Além do reforço representado por caminhões-pipa da Caesb e SLU, durante o dia.

Francisco diz que a população é prejudicada por incursões de vendedores de água do Plano Piloto: “Eles vêm à noite, com caminhões-pipa, e levam muita água daqui. O resultado é que durante o dia falta água várias vezes, prejudicando a população”. Após o contato com os integrantes da Comissão do DF, os moradores discutirão alternativas de mobilização para tentar alterar o projeto da Caesb.

Mas Caesb garante pureza

O diretor de Operações da Caesb, Antônio de Pádua Lourdes, disse ontem que os temores dos moradores são infundados, garantindo que o tratamento tornará a água do Paranoá apropriada para o consumo: “Qualquer água pode ser tratada e tornar-se potável, desde que se banque os custos. Nós faremos um monitoramento constante da água tratada, para evitar qualquer risco à saúde da comunidade”.

Pádua afirmou que a Caesb examinou as alternativas representadas pelas fontes naturais, mas os altos custos da implantação da estação nesses locais conduziu a utilização do Paranoá como manancial: “Esse ponto do lago escolhido para captação é o que apresenta água de melhor qualidade. As outras alternativas teriam um custo muito mais alto”.

Ele enfatizou que a estação será construída sem considerar previamente a hipótese do assentamento porque responde a urgência na resolução do problema de abastecimento na Vila Paranoá, permitindo, segundo explicou, que “a oferta de água seja aumentada de oito litros/dia por habitante para 50 litros/dia por habitante”.

A primeira fase do projeto — a estação de captação — será iniciada em meados de maio. A

estação será construída junto à barragem e a água captada de uma profundidade mínima de três metros. Na segunda etapa, será construída a estação de tratamento, na parte alta da Vila. E na terceira, implantar-se-á uma rede de 15 chafarizes, espalhados por diversos trechos do Paranoá.

O projeto está inicialmente orçado em Cz\$ 15 milhões e o cronograma traçado prevê sua implantação total até o final deste ano. “Se até lá sair o assentamento, então nós teremos que rever o projeto e adequá-lo à nova situação. A construção começa agora porque há urgência para resolver o problema de abastecimento”.

Antônio de Pádua rebateu as acusações de que o projeto não fora discutido com a comunidade afirmando que houve contatos “tanto com representantes da Associação de Moradores quanto da prefeitura da Vila Paranoá”. E juntou outro argumento para dissipar os receios dos moradores: “No Rio de Janeiro, o rio Paraíba é utilizado no sistema de abastecimento. É um rio poluído, que recebe esgotos e dejetos de fábricas instaladas ao longo do seu curso. Como ocorrerá aqui, a água, é tratada e consumida sem problema pela população”.

FOTOS: BETH MUNHOZ



Apenas três chafarizes abastecem a população da Vila Paranoá, além de caminhões-pipa

Racionamento altera a rotina

A partir de hoje o brasileiro está às voltas com o plano de racionamento da Caesb, elaborado com a finalidade de evitar um colapso em todo o sistema de abastecimento da cidade. Isto significa que além de já estar pagando tarifas mais altas desde fevereiro, o consumidor vai ter que reduzir ainda mais o seu consumo para evitar a sobretaxa progressiva imposta pelo órgão.

A primeira etapa do racionamento vai estabelecer como consumo máximo para isenção da sobretaxa o limite de 50 mil litros por economia, ou por residência. Uma família média, com cinco pessoas, onde o consumo diário por pessoa chega a 200 litros, vai consumir apenas 30 mil litros, o que a deixa de fora das muitas da Caesb. A situação em algumas áreas nobres da cidade, entretanto, é bem diferente.

QUEM GASTA

No Lago Sul o consumo médio de uma residência é de 69 mil litros mensais. Este consumidor vai ter 19 mil litros de seu consumo sobretaxados. No Lago Norte o consumo médio é de 59 mil litros e no Setor de Mansões Sul Park Way a média é de 61 mil litros de água por mês para cada residência. No Plano Piloto, considerando os apartamentos como economias dos blocos residenciais, o consumo médio de uma família da Asa Sul é de 29 mil litros, enquanto na Asa Norte ele fica em torno de 28 mil litros por mês. Nas cidades-satélites o consumo médio diário por habitante fica em torno dos 200 litros.

Se o consumo atingir, por exemplo, a 60 mil litros no mês, o cálculo será com base no valor de mil litros para esta faixa, Cz\$ 6,20, que daria o total de Cz\$ 372 para a conta do consumidor. Mas sobre os 10 mil litros excedentes, ou seja, de Cz\$ 62, a

Caesb vai acrescentar mais 25 por cento — Cz\$ 15,50 — que dará Cz\$ 77,50 de excesso. A conta final será de Cz\$ 387,50 e não de Cz\$ 372,00.

De 51 a 100 mil litros a sobretaxa é de 25 por cento, de 101 a 200 mil é de 50 por cento e para o consumo acima de 201 mil litros a sobretaxa sobe para 100 por cento, mas sempre com cálculos intermediários nas várias faixas de consumo, dotando a multa de efeito cascata. Para as indústrias e o comércio que têm seus estabelecimentos subdivididos em “economias” para efeitos de cálculo da tarifa, as multas também serão com base no consumo de 50 mil litros por economia.

A Caesb justifica que nos últimos anos a Barragem de Santa Maria, que abastece Plano Piloto e adjacências, tem reduzido seu volume acumulado de forma acentuada, principalmente com a desativação da Barragem do Torto, em dezembro de 83. Hoje o Santa Maria está com 42 por cento do volume útil, ade-

nas 6 metros acima do considerado mínimo operacional.

Atualmente a empresa bombeia 678 litros por segundo da barragem de Santa Maria. No passado ela produzia, nesta época do ano, em torno de 1 mil 800 litros por segundo. Com a desativação do Torto, com capacidade nominal de 500 mil litros por segundo, o Santa Maria, prejudicado ainda pelos baixos índices de precipitações, foi utilizado mais do que deveria.

Mesmo com a primeira etapa do racionamento, a Caesb terá, a partir dos próximos meses, que efetuar a suspensão do abastecimento periodicamente, ressalta seu presidente William Penido. Se nada disso fosse feito, assegura, o Santa Maria seria fechado em agosto. Além de toda a campanha publicitária que está custando em torno de Cz\$ 2 milhões mensais, a Caesb busca minimizar as perdas de água mantendo equipes de prontidão para os serviços nas redes.